

O ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DOS ESPELHOS

Algumas considerações sobre as
representações sociais da velhice

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Professor de História da FAFIC, UNIVERSO e UCAM

Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ

Doutorando em Sociologia pelo IFCS/UFRJ

Este artigo, que se baseia num estudo realizado para uma dissertação de mestrado,¹ aborda a relação entre as representações que os idosos fazem da velhice e as implicações dessas na dinâmica de sua interação social. Tem como pano de fundo a idéia de socialização e reprivatização do envelhecimento, fenômeno observado pela antropóloga Guita Debert em seu estudo sobre a reinvenção da velhice na atualidade. Também discute, indiretamente, a questão da autonomia e da dependência nessa fase da vida.

Velhice, representações sociais, autonomia, dependência, identidade

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento do trabalho que fundamenta este texto, foram realizadas várias entrevistas despadronizadas de história de vida; algumas delas são aproveitadas aqui, sendo que o tema maior esteve direcionado para a interação social dos participantes e o eixo da narrativa, estruturado dentro do método biográfico. A questão central levantada para os entrevistados foi a de como eles se vêem nessa fase da vida e que leitura fazem da velhice dos outros.

A escolha do grupo de dez participantes, formado por homens e mulheres, a maioria com idade entre sessenta e cinco e setenta e cinco anos, levando em consideração a natureza qualitativa e reflexiva da investigação, procurou abarcar, dentro das possibilidades, algumas das várias dimensões que envolvem a questão: os que moram em suas casas e os que vivem em instituições asilares; os que dispõem de recursos materiais próprios e os que dependem dos outros; os que freqüentam grupos de convivência e os que se restringem à esfera familiar; os que se identificam como saudáveis e os que se apresentam como fragilizados; os casados e os solteiros; os que trabalham e os que estão aposentados; os que têm filhos e os que não têm. Da combinação destes vários fatores, respeitando cada caso específico, mas nem por isso deixando de aproximá-los, é que se procurou problematizar acerca das representações de sua própria velhice e da dos outros.

Não é difícil averiguar que a partir das últimas décadas do século XX, com a intensificação dos estudos gerontológicos, das ações políticas de várias ongs e do movimento das associações de aposentados, bem como da constituição de um mercado destinado à “terceira idade”, entre outros, tem-se procurado modificar as imagens da velhice através da mídia e do discurso oficial. De algo triste e decadente, vítima da “conspiração do silêncio”, busca-se uma perspectiva mais positiva e saudável dessa fase da vida. Essa tentativa de mudança nas representações e na gestão do envelhecimento não tem sido feita sem gerar inquietações e suscitar novos problemas.

DOS OLHARES FIXOS AOS MUTÁVEIS

Segundo a antropóloga Guita Debert, em que pese à multiplicidade das abordagens tributárias das antigas teorias da atividade e do desengajamento, ainda existem dois modelos antagônicos de se pensar o envelhecimento na atualidade, que influem no debate midiático, nos estudos acadêmicos, nas ações do poder público e nas próprias representações que os idosos fazem de si mesmos:

No primeiro deles, trata-se de construir um quadro apontando a situação de pauperização e abandono a que o velho é relegado, em que ainda é, sobretudo a família que arca com o peso dessa situação [...] No segundo, trata-se de apresentar os idosos como

seres ativos, capazes de dar respostas originais aos desafios que enfrentam em seu cotidiano, redefinindo sua experiência de forma a se contrapor aos estereótipos ligados à velhice (Debert, 1999, p.73)

O primeiro modelo trabalha, grosso modo, numa abordagem mais estruturalista. Embora se proponha a analisar e a denunciar as péssimas condições nas quais sobrevivem a maioria dos idosos pobres, pode acabar por contribuir com as idéias preconcebidas que estão associadas ao envelhecimento, tais como a feiúra, a doença, a incomunicabilidade e o abandono. De certa forma, corre-se o risco do idoso ser apresentado como um sujeito passivo e sem muitas condições de agir com autonomia. Esse enfoque centrado na dependência é utilizado muitas vezes para legitimar as ações de uma política pública calcadas numa visão assistencialista da velhice, pois esta é entendida como uma fase em que as trocas comunicacionais se retraem numa dinâmica proporcional à perda dos papéis sociais de outrora. Todavia não se pode deixar de observar que essa visão do envelhecimento forneceu motivações para a luta e a legitimação de vários direitos sociais referentes aos idosos, deixando a velhice de ser uma questão privada para se tornar uma questão social.

Por outro lado, o segundo modelo, calcado numa visão de autonomia, se não for bem dosado, pode radicalizar a abordagem que privilegia as representações positivas do processo de envelhecimento como uma decisão que depende exclusivamente da vontade dos indivíduos. Neste sentido é duvidoso, pois desconsidera o papel das condições objetivas no alargamento e estrangimento das experiências de senescência. Assim, contribui com aqueles que, na visão de Debert (1999), procuram transformar “o envelhecimento em um novo mercado de consumo, prometendo que a velhice pode ser eternamente adiada através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas”. Trata-se de um enfoque que, certamente, propicia a quebra dos estereótipos e uma releitura dessa fase da vida que passa, então, a ser associada à realização, ao prazer, às trocas comunicacionais e à interação social. No entanto, essa socialização dos idosos não elimina a presença do que a autora chama de “processos de reprivatização do envelhecimento”, nos quais a velhice se transforma num assunto particular a ser administrado pelo indivíduo, podendo deixar de ser uma questão social.

O perigo de se assumir sem problematizações um dos modelos é o de homogeneizar a experiência do envelhecimento e de cristalizar a situação dos idosos nos pólos da dependência ou da autonomia. As representações que os entrevistados fizeram de sua velhice, as mais variadas possíveis, não foram interpretações fixas. Mudavam em relação ao contexto e às situações que iam sendo narradas. Em alguns casos, apesar de haver uma tendência de uma visão predominar sobre a outra, oscilavam de uma visão fragilizada e passiva de si mesmo a uma visão autônoma e ativa, variando de indivíduo para indivíduo, de acordo com a combinação entre as condições materiais, o seu nível de instrução, o gênero, a personalidade, a história pregressa de cada um, suas necessidades afetivas, a inserção no mercado de trabalho, a estrutura familiar, entre outros. Cada caso apresenta-se ímpar, o que não significa que não se possam perceber algumas aproximações em meio a interpretações tão diversas.

A AUSÊNCIA DO OUTRO E AS REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO

A maioria dos idosos entrevistados, ao comparar a qualidade das suas relações sociais do passado com as que vivenciam no presente, num primeiro momento, tenderam a considerar que no passado foram mais felizes. Contudo, no decorrer de suas narrativas, deixaram perceber que o passado não havia sido exatamente a “idade de ouro” e que, em alguns casos, as dificuldades das quais reclamam na atualidade, num certo grau, já estavam presentes em suas relações de outrora, ou então, surgiram ao longo dos anos. Entre as questões levantadas por eles como elementos que dificultam o estabelecimento de novos contatos sociais, destacam-se a ausência de suas antigas relações afetivas e as representações que os entrevistados fazem do seu processo de envelhecimento e dos outros.

A sua própria morte é apontada pelos entrevistados como algo irremediável, vontade de Deus e, em alguns casos, um descanso. No entanto, a ausência das suas antigas relações e afetos - que neste trabalho será tipificada como a morte e o abandono - é citada nos depoimentos como um dos fatores que dificulta a continuidade da interação social e que pode diminuir o ânimo para o estabelecimento de novos contatos. Uma questão relevante é a de como cada um reage a tal ausência. Há a consciência de

que esta pode ocorrer em qualquer idade da vida e sua recepção depende de uma série de condicionantes. As reações variam de acordo com a dependência e a autonomia do idoso na atualidade e conforme a qualidade e a profundidade da relação que era estabelecida com o outro no plano afetivo, intelectual e material.

A sra. Se., assistente social aposentada, que mora com o filho solteiro, apresenta-se primeiramente como alguém que possui autonomia e administra sua própria vida. Ela não atribui grande importância à ausência do falecido marido, reconhece que ele a amou bastante mas que “*infelizmente*” não sentia o mesmo. A comunicação entre os dois, em sua opinião, era dificultada pela diferença de idade - ele era vinte e cinco anos mais velho - e também por ela ser uma mulher de personalidade forte: “*Hoje, eu sei, ele me adorava à moda dele. Eu sempre fui mandona, ninguém conseguia mandar em mim, eu nunca me submeti a nada, entendeu? Ele não tinha o meu temperamento, eu era uma mulher atrevida, até hoje. Ele sempre me respeitou e eu sempre respeitei ele, mas não havia amor*”.

Quando o assunto é a morte de sua mãe, a interpretação do sentimento da ausência é outra: “*Eu ia a Recife todos os anos até mamãe morrer, depois que mamãe morreu não tive mais coragem. Não posso ir sozinha, chegar lá e não encontrar mamãe, não sei se vou agüentar*”. Esse “*não sei se vou agüentar*” tem uma ligação direta com a interpretação que ela faz de sua própria vida na atualidade, marcada por muitas vitórias pessoais e profissionais, e também por aquilo que, no seu entender, é considerado o mais doloroso: “*Não se pode ter tudo, a vida nunca é completa. Eu perdi por um lado. A solidão... praticamente eu vivo só. Hoje, perdi a vontade de sair, me distraio dentro de casa*”. Apesar de os idosos lamentarem as perdas mais do que a morte dos seus familiares e interlocutores, quando essa solidão é colocada em pauta, as representações negativas que fazem do seu próprio envelhecimento dificultam a sua aproximação e conseqüentemente o estabelecimento de novas relações: “*Ora, gente, todo mundo morre, não há ninguém que tenha passado nessa terra e que não tenha morrido[...], o pessoal (do clube dos idosos) só senta pra conversar sobre doença, é dor aqui, é dor acolá, não traçam um projeto de vida. O pessoal diz que é porque eu não quero ser velha. Não é isso, eu sei a idade que tenho e é muita coisa, não sou novinha, sou mais velha do*

que você pensa". Ela reconhece que a senescência é parte da condição humana, mas se irrita profundamente quando é associada à senilidade. Talvez por isso procure se manter afastada das pessoas que se utilizam desses repertórios estereotipados do envelhecimento. Entretanto o seu afastamento produz uma espécie de isolamento que, possivelmente, poderá ser interpretado como inatividade e perda de papel social, sucumbindo ao estigma da senilidade contra o qual ela tanto luta.

A antropóloga Guita Debert, ao trabalhar com os idosos em suas próprias unidades domésticas e em sistemas asilares, pôde perceber que os seus entrevistados fizeram uma distinção entre a sua experiência de envelhecimento e a de alguém realmente velho. Velho era o senil; a maioria entendia que era preciso envelhecer sem se comportar como um velho. O ponto mais importante da distinção era o de manter o controle sobre as suas próprias emoções. Os velhos são aqueles que não se controlam, reclamam demais, reclamam dos filhos, da solidão, das dores, do passado e do presente, em resumo: da vida. Neste parâmetro, faz-se necessário administrar seus próprios dilemas diante dos outros e de si mesmo, porque a idade pesa como um estigma, enquanto que aos de "idade normal" é dado o benefício da complacência (Elias 2001). De certa forma, apesar de todos os avanços, retornamos à afirmação de Ecléa Bosi quando identifica o estereótipo da velhice dependente como uma fraqueza:

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser seu banimento do grupo familiar (Bosi, 1994, p.76).

Ou seja, é o momento em que ele vai ser identificado como velho. Porém resta saber quem tem o controle contínuo de suas próprias emoções e em que idade isso pode ser uma constante.

Não foi sem espanto que o sr. J. C., advogado aposentado que se mostra muito ativo e comunicativo, observou, numa festa da turma a qual se formou na universidade, que já não podia contar com a presença de vários amigos com os quais gostava de prostrar, *"a última que nós fizemos foi muito pouca gente, meu Deus do céu, como morreu gente!"*. Mas, na

sua interpretação, o problema maior não foi este, e sim, o de perceber o envelhecimento de seus contemporâneos: *“Eu fiquei apavorado por ver, não que eu me ache novo não, por ver a decadência física de meus colegas, um não bebe isso, outro não bebe aquilo, não come isso, não come aquilo. Eu não, graças a Deus, como de tudo e bebo de tudo, não tenho medo de nada”*. Isso ficou mais evidente na passagem em que ele narra a dificuldade para manter acesa a relação com um amigo de sua idade toda vez que o visita: *“Ele não quer falar de advocacia, não quer conversar nada, eu o achei tão pra baixo”*. Dito isso, ele acrescenta que gostava dos pais desse amigo, eram idosos que administravam o envelhecimento de uma forma adequada: *“o pai dele era um velho pra frente, a mãe também”*. Apesar de fazer uma distinção entre o seu envelhecimento e o dos outros, em alguns momentos, ele também se representa como velho, principalmente quando o assunto é ter que fazer alguma coisa para alguém: *“Eu continuo fazendo, embora reconheça que como velho hoje sou um pouco egoísta. Faço, mas o velho vai ficando egoísta e também quer que façam por ele”*. Ou então, quando trata de sua relação com os outros idosos: *“Ficar velho só com velho não dá certo, de preferência tem que colocar umas criancinhas no meio, se tiver criança, então, eu renasço. É muito melhor lidar com uma criança de quatro anos, cinco anos, gente que está querendo saber das coisas”*.

O sr. G. G., médico, aposentado, residindo com a esposa e a família, foi um dos que mais se representou como adepto de uma perspectiva saudável do envelhecimento. Dividindo sua vida em antes e depois da aposentadoria, o entrevistado traça um quadro bastante positivo de suas atividades na atualidade, *“Não tenho mais nenhuma saudade da medicina, página virada totalmente. Minha vida agora é outra, muitas atividades físicas, academia de ginástica três vezes por semana e caminhada, quatro. Na parte intelectual, estou na escola (aprendendo línguas no antigo colégio em que estudou quando jovem), leio muito e gosto de música clássica”*.

Contudo, apesar de insistir na boa gestão que faz de sua vida depois de aposentado, principalmente a de poder se dedicar ao que gosta, ele reconhece que a aposentadoria trouxe uma certa diminuição do seu círculo de amizade. E esse fato também se estende às relações com os vizinhos pois, se comparados com os de outrora, em sua opinião, os de hoje são apenas para um cumprimento, *“Bom dia! Boa tarde!”*. As poucas vezes

sua interpretação, o problema maior não foi este, e sim, o de perceber o envelhecimento de seus contemporâneos: *“Eu fiquei apavorado por ver, não que eu me ache novo não, por ver a decadência física de meus colegas, um não bebe isso, outro não bebe aquilo, não come isso, não come aquilo. Eu não, graças a Deus, como de tudo e bebo de tudo, não tenho medo de nada”*. Isso ficou mais evidente na passagem em que ele narra a dificuldade para manter acesa a relação com um amigo de sua idade toda vez que o visita: *“Ele não quer falar de advocacia, não quer conversar nada, eu o achei tão pra baixo”*. Dito isso, ele acrescenta que gostava dos pais desse amigo, eram idosos que administravam o envelhecimento de uma forma adequada: *“o pai dele era um velho pra frente, a mãe também”*. Apesar de fazer uma distinção entre o seu envelhecimento e o dos outros, em alguns momentos, ele também se representa como velho, principalmente quando o assunto é ter que fazer alguma coisa para alguém: *“Eu continuo fazendo, embora reconheça que como velho hoje sou um pouco egoísta. Faço, mas o velho vai ficando egoísta e também quer que façam por ele”*. Ou então, quando trata de sua relação com os outros idosos: *“Ficar velho só com velho não dá certo, de preferência tem que colocar umas criancinhas no meio, se tiver criança, então, eu renasço. É muito melhor lidar com uma criança de quatro anos, cinco anos, gente que está querendo saber das coisas”*.

O sr. G. G., médico, aposentado, residindo com a esposa e a família, foi um dos que mais se representou como adepto de uma perspectiva saudável do envelhecimento. Dividindo sua vida em antes e depois da aposentadoria, o entrevistado traça um quadro bastante positivo de suas atividades na atualidade, *“Não tenho mais nenhuma saudade da medicina, página virada totalmente. Minha vida agora é outra, muitas atividades físicas, academia de ginástica três vezes por semana e caminhada, quatro. Na parte intelectual, estou na escola (aprendendo línguas no antigo colégio em que estudou quando jovem), leio muito e gosto de música clássica”*.

Contudo, apesar de insistir na boa gestão que faz de sua vida depois de aposentado, principalmente a de poder se dedicar ao que gosta, ele reconhece que a aposentadoria trouxe uma certa diminuição do seu círculo de amizade. E esse fato também se estende às relações com os vizinhos pois, se comparados com os de outrora, em sua opinião, os de hoje são apenas para um cumprimento, *“Bom dia! Boa tarde!”*. As poucas vezes

que se refere às perdas de pessoas queridas dizem respeito à morte de seus pais e de alguns familiares; elas ocorreram, em grande parte, quando ele ainda era jovem, o que o levou a priorizar ainda mais o desejo de constituir e manter uma família. De fato conseguiu com a ajuda da esposa, pois sem a perseverança desta, segundo ele, o seu sonho não teria sido realizado.

No decorrer de sua entrevista, repleta de atividades e sentido de autonomia, fica a impressão de que se trata de um homem totalmente vinculado ao presente e que, não fazendo nenhuma alusão direta ao envelhecimento alheio, encarna de prontidão o estereótipo da “melhor idade”. Não é bem assim. Ele se diz alguém muito saudosista: *“Eu sou muito ligado ao passado, impressionante. Tem gente que diz que isso não é bom, isso atrapalha, pode até ser que seja, mas eu sou [...] quero viver aquela época de lá. Nada desse modernismo agora, computador, internet, não quero nem ouvir falar”*. Ele apresenta essa idéia como se fosse uma fragilidade aos olhos dos outros, talvez uma senilidade, mas no seu entender a perspectiva saudável de seu próprio envelhecimento não passa pelos modismos, e sim, pela retomada das atividades prazerosas que estão associadas ao seu passado e que nunca deixaram de estar presentes em seus desejos. No pensamento daqueles que nutrem uma visão idealizada do “saber envelhecer bem”, essa relação tão apaixonada que o entrevistado estabelece com o passado pode ser, apressadamente, interpretada como uma recusa de interagir de forma integral com o presente. Neste ponto, é pertinente uma observação muito precisa feita por Mascaro (1997) quando critica a idéia de que o idoso bem adaptado tem que estar sempre alegre, ativo e jovial: *“Existem muitos idosos que são contemplativos, introspectivos, mas que se sentem bem adaptados e felizes. Imagens idealizadas e também estereotipadas da terceira idade podem levar muitos idosos a um sentimento de inadequação e frustração por não se identificarem com esses modelos de envelhecimento e velhice”* (Mascaro, 1997, p.67).

A sra. Sl. é aposentada, pedagoga e assistente social, mora sozinha em sua própria casa e se define como uma pessoa resistente e silenciosa. Ela diz que no passado foi uma filha muito obediente e que sempre sentiu medo de administrar seu campo afetivo. Este fato, de certa forma, contribuiu para que passasse a maior parte de sua vida cuidando da mãe e não viesse constituir sua própria família. Em vários momentos da narrativa, se ressentiu de ter sofrido preconceito por ser mulher, pobre e, principalmente, negra.

Isso dificultou bastante sua vida profissional mas, ao mesmo tempo, a encheu de coragem e força para lutar e conseguir se formar. Hoje, como ela mesma diz, *“minha vida está boa”*, porém depois da morte do sobrinho que lhe fazia companhia, se sente sozinha e sem vontade de sair, principalmente por causa da doença que lhe afeta os olhos: *“Ele lia para mim a revista Raça, comentava tudo que estava acontecendo, toda novidade que vinha ele lia para mim”*.

Foi a narrativa na qual o entrevistado mais se concentrou com uma riqueza impressionante de detalhes e uma grande organização no encadeamento dos eventos. Por outro lado, foi a que menos discorreu sobre o presente e, quando o fez, deixou transparecer um misto de força e extrema fragilidade. A força se mostrou presente na memória da autonomia com que enfrentou as barreiras sociais e os preconceitos de cor; a fragilidade, na dor com que traduz a solidão em sua vida presente. Ela também se diz uma apaixonada pelo passado mas, ao contrário do sr. G, as lembranças do vivido, em vez de reativarem projetos que foram interrompidos, envolveram-na numa espécie de imobilidade, que aliada às enfermidades, dificultam os novos contatos sociais.

Por ter centralizado a maior parte de suas preocupações na mãe e no trabalho, ao se ver sem os dois e sem o sobrinho, ela descobriu que a sua escassa rede de relações sociais transformou-se num complicador a mais para o seu medo, já que não conta com as antigas amigas do tempo de serviço e os familiares que moram próximos não dispõem de tempo, devido à luta do dia-a-dia.

Uma situação similar é experimentada pela sra. M. R., musicista, aposentada, moradora de um aposento particular num asilo. Ela dedicou sua vida à tríade: família, religião e música. Ela discorre longamente sobre o passado e é aparentemente objetiva em sua análise do presente: *“A minha vida hoje é horrível! Não tenho ascendente nenhum. Minha vida é muito triste”*. Em sua opinião, a minguada rede de relações sociais que atualmente tem vivenciado é resultado de alguns fatores: o fato de sua formação e visão de mundo se chocarem com as das outras idosas da instituição; a dificuldade de *“tomar amizade com uma pessoa”*, o que era alimentada pela sua falecida mãe, uma mulher muito boa mas bastante possessiva; e finalmente por nunca ter sentido vontade de constituir uma família a partir de um casamento dentro dos modelos pré-estabelecidos. Ela já imaginava

que, com a morte de seus familiares mais próximos, acabaria tendo que se virar: *“Há dez anos que moro aqui nessa beleza (asilo). Quando vim para cá, eu senti muito. Eu dizia mesmo para M. (a irmã de quem cuidou até a morte), ‘M., ou eu ou você ficando sozinha, nós temos que ir para um asilo’. Quando ela faleceu, eu tive muita pressa de vender a casa. Eu já pensava em morar no asilo”*.

Os efeitos decorrentes da ausência de uma pessoa estimada, no caso dos entrevistados, podem ser amenizados na medida em que o indivíduo se insere na realidade presente através de algum projeto de vida ou da necessidade imediata que o faz requisitado e que tem uma ligação com a dinâmica social de sua história pregressa. Porém a socialização não é tão fácil quanto parece. Além da vontade e do esforço pessoal, faz-se necessário levar em consideração que um mínimo de condições objetivas estejam colocadas para que essa inserção ocorra de uma forma satisfatória e que venha a promover uma maior autonomia, seja em casa, na rua ou numa instituição asilar.

Estar em companhia de seus familiares não garante, necessariamente, que os idosos terão mais conforto e qualidade de vida. Isso depende de um grande número de fatores que permeiam tais relações. Mesmo porque é de conhecimento das delegacias dos idosos que as violências de que estes se queixam são, na maioria das vezes, praticadas por familiares, vizinhos e conhecidos. No caso dos idosos dependentes e fragilizados, a Constituição Federal de 1988 estabelece que a família é quem deve arcar com os seus cuidados. Trata-se de uma solidariedade entre gerações dentro do âmbito privado, o que não ocorre sem atritos, jogo de empurra e estresse. E o estresse é usado, na maioria das vezes, como justificativa para os maus tratos. Estaríamos diante da reprivatização do envelhecimento?

Pesquisas recentes, como as realizadas pelo IBGE, vêm indicando que, com a atual taxa de desemprego, 73% dos lares urbanos contam com o dinheiro dos aposentados para complementarem a renda familiar, e 20% dos casos se sustentam a partir dos rendimentos deles. Isso é um dado que pode tornar mais amena a situação dos dependentes ou torná-la ainda mais dramática, pois a família também se encontra numa situação de dependência, daí se pode esperar de tudo, da solidariedade ao nivelamento das relações por baixo. Percebe-se, ainda, que a Constituição Federal também estabelece que os idosos desprovidos de renda podem reivindicar pensões de seus filhos.

Isso abre espaço para muitas querelas, que vão dos filhos que não ganham o suficiente para si mesmos e protestam, aos pais que foram negligentes e omissos com a família e vêm reivindicando por lei, o que ninguém numa análise fria lhe daria por justiça.

PEQUENA CONSIDERAÇÃO FINAL

Enfim, apesar de os entrevistados lamentarem a ausência de suas antigas relações, em nenhum momento fecharam espaço para a construção de novas relações e de novos papéis sociais, sem com isso terem que arbitrariamente abrir mão do que foram, do que são e da maneira dinâmica como vêem a si mesmos. Até porque as vestimentas dos estereótipos do envelhecimento, seja para a autonomia ou para a dependência, estão sempre fora da medida quando o assunto são as práticas sociais e as suas representações.

O sentir-se velho, experiência nascida de um conjunto de vivências e de interpretações que os indivíduos fazem acerca de si mesmos, dos outros e do mundo, não pode ser tomada como uma construção fixa e meramente objetiva. Neste ponto reside o problema de algumas abordagens teóricas já citadas anteriormente. Estas não reconhecem que a cristalização da idéia de velhice nos pólos da dependência ou da autonomia, por mais eficiente que seja a análise do ponto de vista material, empobrece a dinâmica das representações que as pessoas fazem de si mesmas nessa fase da vida. Isso ficou destacado em alguns trechos das entrevistas realizadas. Mesmo quando alguns dos entrevistados inicialmente se posicionavam como dependentes ou autônomos, no decorrer de suas falas, deixavam perceber que tais posições oscilavam de acordo com as situações vividas.

De um ponto de vista pragmático pode parecer ingênuo e sentimental tratar da velhice a partir da perspectiva dos próprios idosos. Que importância têm as representações que eles fazem, se a dura realidade é marcada pela exclusão e por uma dependência que mais cedo ou mais tarde poderá ocorrer? Ora, se queremos falar de dignidade e de cidadania, é lícito que o sujeito social seja o primeiro a ser escutado. Não só o idoso, mas todos nós – seres em processo de envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

DEBERT, Guita. **A Reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos moribundos**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001.

MASCARO, Sônia. **Velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

NOTA

¹ A dissertação tem o título de "Narrativas e silêncio – o processo de comunicação dos idosos no contexto sociocultural de Campos dos Goytacazes, agosto/2002/Escola de Comunicação da UFRJ.